

## ***Apresentação***

### ***“As alternativas políticas à Democracia no século XX”***

Apresentamos neste número o dossiê *As alternativas políticas à Democracia no século XX*, de produção historiográfica de autores de diferentes universidades.

O objetivo deste dossiê se confunde com o objetivo da revista: ele “destina-se a publicar estudos em História Intelectual e dos Intelectuais bem como sobre a produção cultural dos países que compõem o universo cultural da Latinidade“, abordando questões pertinentes à: Política, Economia, Sociedade, Filosofia e Artes.

Além disso, a temática do dossiê é dedicada ao pensamento, às organizações e aos indivíduos que durante a época contemporânea se opuseram à Democracia no Ocidente. Este desafio nasceu a partir da leitura do livro de Jan-Werner Müller “*Contesting Democracy. Political Ideas in Twentieth-Century Europe*”, editado pela Universidade de Yale em 2011. Esta obra se tornou uma referência para todos os que se dedicam ao estudo das ideias políticas e ao processo de (des)construção da Democracia no século XX, especialmente no entre guerras. Segundo este autor, a esfera política e os indivíduos nunca terão sido tão influenciados por escritores como neste período. Talvez por isso, o século XX é para muitos historiadores “a era das ideologias”, e, que pelas suas características violentas, fanáticas e irracionais, levaram Eric Hobsbawm a batizar os anos de noventa como a “Era do Extremos”.

Recebemos valiosas contribuições, que certamente nos auxiliarão na tarefa de refletir a respeito dos temas aqui sugeridos, que forçosamente caminharam partindo dos seguintes temas:

1. A contestação da Democracia e dos seus valores ao longo da época contemporânea no campo político e intelectual;
2. A apresentação no campo político e intelectual de alternativas à Democracia, como, por exemplo, Autoritarismo, Corporativismo e Fascismo;
3. A circulação e a influência transnacional do pensamento conservador, autoritário e fascista no espaço europeu e ibero-americano.

Delineamos, com a reunião destes artigos, um percurso investigativo que aponta traços bastante comuns entre a intelectualidade brasileira e estrangeira, no que diz respeito à fragilidade do ideário democrático no Ocidente em tempos não tão distantes, e que, sob qualquer ótica, ainda se apresenta bastante viva.

O primeiro artigo, intitulado “Minando o sistema republicano-liberal desde dentro. Os partidos políticos portugueses no contexto europeu e ibérico (1919-1926)”, de Manuel Baiôa, lança a proposta de analisar os partidos políticos portugueses, após a Primeira Guerra Mundial, apontando suas especificidades, ao continuar preso “à tradição liberal e oligárquica do século XIX”, ainda que numa versão republicana e com um sistema multipartidário de partido dominante com uma crescente falta de legitimidade. O autor nos apresenta o conjunto político europeu, analisando o sistema de representação, em diferentes contextos nacionais e o surgimento de novos partidos, complexificando a situação portuguesa dentro do Velho continente.

O segundo artigo, “A construção de uma historiografia autoritária pelo estado novo de Getúlio Vargas: o caso da revista *Cultura Política* (1941-1945)”, de Rafael Nascimento Gomes, como descrito no resumo, “propõe-se a analisar as visões de história do Brasil disseminadas durante a Ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945). Em outras palavras, busca-se apresentar os esforços governamentais voltados para uma releitura da história brasileira. Para isso utiliza-se como principal fonte a revista *Cultura Política*, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), vinculado diretamente à Presidência da República, entre 1941 e 1945”. Constitui-se como um importante instrumento de análise deste período da nossa história, principalmente no que tange à construção, ou reconstrução de nossa identidade, a partir da atuação do Estado varguista, em sua engenharia política e propagandista.

Seguindo a ordem, no terceiro artigo, “Miguel Reale: do fascismo ao autocratismo”, o autor, Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves, procura analisar “a trajetória pós-integralista de Miguel Reale, sobretudo com a abordagem de sua principal obra jusfilosófica: “Filosofia do Direito” (1953). Neste livro, Reale traz a lume de forma mais acabada a teoria autocrática que começa a desenvolver a partir do ocaso do integralismo em 1938”.

O quarto artigo, “El nuevo golpismo, el estado de excepción y los modelos de modernización en América Latina”, István Szilágyi, “analiza los distintos modelos de modernización, las estrategias alternativas y los cambios geopolíticos ocurridos en América Latina durante los últimos sesenta años”, dando conta de conceitos tão explicativos à realidade latino-americana, como “Estado de exceção”, conceito esse combinado à ideia de modernização – obrigando ao autor a análise de suas mais diferentes expressões, e de identidade.

“A luta armada contra a ditadura militar: revisitando os debates sobre esse movimento no Brasil e na Argentina”, de Luiz Fernando Mangea da Silva, o último artigo deste dossiê, objetiva estruturar “uma análise interpretativa da atuação das esquerdas revolucionárias que pegaram em armas contra a ditadura tanto no Brasil quanto na Argentina”, preocupando-se também em apontar semelhanças e diferenças entre os regimes ditatoriais, onde ambos buscavam, em seu discurso, legitimar o governo, através do que acreditavam ser uma defesa às tradições e valores nacionais. O autor ainda trabalha o conceito de construção da memória, apoiado em uma rica bibliografia.

De certa forma, os artigos dialogam entre si, expondo questões e trazendo luz aos temas propostos, e apresentando caminhos de análises bastante fundamentados.

Esperamos, com este dossiê, o reavivamento, em tempos atuais tão preocupantes, das discussões a respeito da necessidade de defesa do princípio democrático como sustentáculo das sociedades ocidentais.

Nos deparamos, a cada dia, com fatos que parecem tornar incerto, no Ocidente, o futuro do Estado Democrático de Direito; com isso, fortalecer o espaço de reflexão se torna, por isso, cada vez mais imperativo.

Recuperando a noção de intelectuais orgânicos, tão bem estruturada por Antonio Gramsci, e que nos percebe que o intelectual não está dissociado do mundo real, e o responsabiliza pela tarefa de construção de uma consciência crítica, onde o fim último é modificar o mundo, acreditamos que este dossiê represente, não só para a comunidade acadêmica, mas para o público em geral, uma significativa ferramenta de luta contra um

projeto que parece ter como objetivo a paulatina destruição da democracia como valor maior de uma sociedade.

*Eliana Brites Rosa* (Universidade de Lisboa)

*Fabiana Saboia* (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

*Julho de 2017*

DOI: 10.12957/intellectus.2017.30137